

A versão e o empurrão

Josimey Costa
Jornalista

Um dia, numa tertúlia, a Aventura terminou por incomodar a Rotina com suas invencionices. Todos sabem que rotinas e aventuras não se bicam muito bem, de modo que a prosa entre as duas tinha lá seus laivos travosos. A Rotina, reclamando para si o papel de legítima cola do real e mesmo não sendo muito dada a que tais, emprestava ouvidos à Aventura, que tentava deslindar sua visão de mundo incutindo um pouco de criatividade na cachola da outra. A Aventura argüía a tudo com o seu jeito irreverente, e a Rotina não deixava de revelar um certo fatalismo mal-disfarçado. Testemunhas orais relataram, posteriormente, o teor do colóquio entre as duas. Das inúmeras versões coletadas, a que pareceu mais verossímil é a que se segue. A primeira fala, é até escusado dizer, é da Rotina.

- Assuma que este diálogo é desnecessário, descabido e diversionista.

- Até pode ser... Mas é justamente através dele que você está manifestando essa opinião.

- Tenho outra alternativa?

- Na verdade, não. Se é que esta é realmente uma alternativa.

- Lá vem você com mais uma de suas invencionices. O que você quer dizer com isso?

A Rotina tinha cara de enfado. A Aventura, ares de extremo divertimento.

- Seguente: se você só tem uma opção, está claro que não tem opção. Optar pressupõe a existência de várias possibilidades. A possibilidade única é, no universo das diversidades, a negação lógica delas.

- Espere aí. Concluir que resta apenas uma única escolha, ou não-escolha, como você prefere, pode ser apenas uma questão de ponto de vista.

- Dito dessa forma, dá até a impressão de que você assume a Versão em lugar do Fato. Demonstro já, já que isso não é verdade. Siga meu raciocínio: se, por uma questão de ponto de vista, não se consegue optar, não se tem, efetivamente, opções à escolha.

- O que não elimina a real existência de escolhas.

- Depende do que é real para você.

- Como, o que é real? Real é o que existe, independentemente de você percebê-lo ou não.

- Que segurança invejável... Você acabou de colocar, num golpe, o Fato no lugar da Versão. Mas prossigamos. O que você não percebe de jeito nenhum, é real para você?

- Não para mim, mas o é para todos os que percebem.

Neste ponto, os testemunhos divergem. Alguns dizem que a Aventura calou-se de pronto e desapareceu diante dos olhos espantados da Rotina. Outros dizem que a Aventura deu um risinho safado e prosseguiu na contra-argumentação a seguir:

- Se, para você, não é real, é irreal. Portanto, você terminou de instituir um real irreal. Para quem percebe, é real. Para os que não percebem, é irreal. Um sendo a negação do outro. Portanto, a vitória é da Versão.

- Só se for a da sua versão platônica.

- Pelo que vejo, a ironia não é prerrogativa dos aventureiros.

- Já que chegamos aqui e que toda versão depende de uma dotação de sentido, gostaria de saber como ficamos.
- Não ficamos. A ausência de sentido é, às vezes, o único sentido reivindicado.
- Assim, você jamais vai conseguir inventar o cotidiano.
- A não ser que você dê um empurrãozinho, *d'accord?*